

Luís Lage

Licenciado em Arquitectura em 1995, testemunhou uma grande cooperação da Itália com a Universidade Eduardo Mondlane no processo de estruturação da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane. Participou em 1998 do Curso de Aperfeiçoamento de Tecnologia e Arquitectura em Roma. Foi Director-Adjunto Pedagógico da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico a partir de 2001 onde incentivou o estabelecimento do Programa de Cooperação Inter-Universitária Itália-Moçambique designado CICUPE.

Maputo, 08 de Setembro de 2022

P: Forneceu-nos algum material que afirmava que em 1986 foi criada a Faculdade de Arquitectura com fundos da Cooperação Italiana. Pode falar um pouco sobre isso?

LL: A Faculdade de Arquitectura inicia a sua actividade em 1986, creio que em Outubro. Isto é resultado da Cooperação Italiana, dum grande relação que havia entre o arquitecto José Forjaz¹ e Gianni Ferracuti que era arquitecto, professor em Veneza se não me engano. O arquitecto José Forjaz era Secretário do Estado do Instituto Nacional de Planeamento Físico e a proximidade que tinha com Ferracuti permitiu fazer com que a Universidade de Roma *La Sapienza*² se interessasse pelo projecto de criação da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico em Moçambique. Resulta, portanto, em grande parte da relação que havia entre essas duas personagens, entre o arquitecto José Forjaz e o Gianni Ferracuti.

P: Depois de 1995 aquando da sua Licenciatura na Faculdade, terá mantido algum contacto com italianos seja por meio de docentes ou colegas.

¹ **José Alberto Basto Pereira Forjaz** (Coimbra, 1936) Emigra para Moçambique em 1952. Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Belas Artes do Porto em 1966. Mestre em Arquitectura pela Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, 1968. Abre a sua firma de arquitectura em Mbabane, Suazilândia, em 1968. Em 1975 regressa a Moçambique, para integrar o primeiro governo do país independente, assumindo sucessivamente os cargos de conselheiro do Ministro das Obras Públicas e da Habitação, Director Nacional de Habitação e Secretário de Estado de Planeamento Físico. Em 1998 foi Director da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da UEM, em Maputo.

² A **Universidade de Roma La Sapienza** (em italiano: *Università degli Studi di Roma La Sapienza*) é uma instituição de ensino superior italiana localizada em Roma. É uma das mais antigas e maiores universidades do mundo em número de estudantes, tendo cerca de 110 000 alunos. É também conhecida como Universidade de Roma I.

LL: Durante meu percurso todo na Universidade desde que entrei, os professores na sua totalidade eram italianos com excepção de três, moçambicanos, que era o arquitecto Forjaz, o Professor Chonguissa e não estou a recordar o nome do outro professor. O resto, eram todos professores italianos. Não havia arquitectos em Moçambique, os poucos arquitectos que havia estavam, em grande parte, em outras instituições do Estado. Sempre mantive relações com eles durante todo o meu percurso, porque desde que entrei na faculdade nunca mais saí dela. Ainda estou a trabalhar nela. Portanto, sempre tive contacto e ainda mantenho contacto com os professores italianos, mesmo estando eles em Itália.

P: **A relação pessoal do arquitecto Forjaz com o arquitecto italiano foi importante para a ligação das duas Universidades. Mas o que fez com que *La Sapienza* se interessasse por criar uma Faculdade aqui? Quais foram os caminhos, o que aconteceu?**

LL: Quando a Universidade de Roma *La Sapienza*, assumiu este papel de apoiar a criação da Faculdade de Arquitectura, primeiro enviou, não só o material como também o equipamento. O primeiro equipamento que a Faculdade de Arquitectura teve em Maputo veio inteiramente de Itália. Desde as mesas de trabalho, os primeiros computadores que tivemos. Praticamente todo equipamento veio de Itália. Não só o equipamento, como também os professores que foi o mais importante, portanto a Universidade de Roma *La Sapienza*, fez essa ponte. Todos os anos eram seleccionados professores que vinham para cá, de acordo com as capacidades que eles tinham, para nós funcionarmos.

P: **Porquê Itália e não Portugal ou Japão, ou México, ou Brasil?**

LL: Isso é uma boa pergunta. Como eu disse inicialmente, isso veio duma relação muito pessoal entre o arquitecto José Forjaz e o arquitecto Gianni Ferracuti. Esta ligação que tinham e a proximidade que José Forjaz tinha de *La Sapienza* de Roma permitiu que fossem os italianos a tomar este lugar de arranque da Faculdade de Arquitectura.

P: **A qualidade da arquitectura italiana terá tido alguma influência ou foi apenas a relação entre as duas pessoas.**

LL: Eu estou convencido de que foi a relação pessoal, mas também institucional que existia na qualidade de Secretário de Estado, com Roma. Podemos dizer que esse foi o factor determinante. Há que considerar que a Itália, na altura, tinha um grande desenvolvimento na arquitectura que na Itália é secular. Itália tem uma História de arquitectura. Para já é um país que tem o maior rácio de arquitectos por habitante. Portanto, basta só pensar nisso, para podermos pensar que também esse facto foi importante. A Faculdade de Arquitectura existe graças a Itália, graças à *La Sapienza* de Roma e à Cooperação Italiana.

P: **Numa das entrevistas que nós fizemos anteriormente com Tiziano Cirilo, ele mencionou o nome de Salvatore Dierna como um dos italianos que também contribuiu para a criação da Faculdade de Arquitectura. Poderia falar dele?**

LL: Salvatore Dierna³ foi extremamente importante. Ele estava ligado à *Sapienza* de Roma, era director do departamento de pós-graduação de arquitectura e tecnologia. Foi uma das pessoas importantíssimas. Foi um dos patronos da selecção dos professores que vinham para cá. Grande parte dos professores, ou estavam mesmo em exercício na Universidade de Roma, ou já tinham estado na universidade de Roma e estavam aposentados. Mas não foi só o Salvatore Dierna que foi importante, também houve outro professor que era o Docci⁴ que era director do departamento de pós-graduação de análise e levantamentos de arquitectura. Esses dois departamentos que eram departamentos de pós-graduação da Universidade de *La Sapienza* eram extremamente importantes e foram eles que tiveram grande importância na própria formação dos docentes moçambicanos em Itália.

P: António Catizone por algum momento foi director da faculdade. Gostava de saber se chegou a conhecê-lo e que análises pode fazer sobre as relações entre Itália e a faculdade naquele momento.

LL: O primeiro director da Faculdade de Arquitectura foi um professor chamado Lucio Carbonara⁵ Foi director durante 2 anos de 86 a 88 e depois seguiu-se-lhe o professor António Catizone que se manteve como director durante muitos anos na Faculdade de Arquitectura. Eu tive sempre uma grande relação com ambos, tanto com o professor Lucio como também com o professor António Catizone.

Quando a Universidade Lúrio, por exemplo, foi criada e se formou a Faculdade de Arquitectura na Unilúrio, eu fui convidado a presidir à Comissão Instaladora juntamente com o reitor na época, Jorge Ferrão⁶. Acordámos que a primeira direcção dessa Faculdade de Arquitectura fosse com gente já experimentada, porque os professores daquela faculdade eram todos recém-graduados, muito jovens. Então o António Catizone voltou a Moçambique, com dois professores que também tinham sido professores na Faculdade de Arquitectura em Maputo, a Maria Spina⁷ e o professor Berti⁸. Portanto o Catizone ficou director da

³ **Salvatore Dierna** (18 de Novembro de 1934 - 18 de Abril de 2016) foi um arquitecto italiano, professor de Design Ambiental desde 1977 na Universidade de Roma "*La Sapienza*" reitor da Faculdade de Arquitectura da sua universidade (2000-2003), e presidente da *Federated Athenaeum* de Ciências Humanas, Artes e Meio Ambiente de 2004 a 2007.

⁴ **Mario Docci** (28 de Agosto de 1935) formou-se na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Roma "*Sapienza*" em 1962. Sua longa carreira académica na Faculdade de Arquitectura de Roma começou no mesmo ano em que se formou, tendo sido professor de várias cadeiras da Faculdade e em cursos de pós-graduação e doutoramento. Em 2011 foi nomeado professor emérito por decreto do Ministro da Educação.

⁵ **Lucio Carbonara** Graduou-se em Arquitectura em 7 de Maio de 1971 na Universidade de Roma "*La Sapienza*". Pós-graduação em Política Ambiental e Planeamento Urbano aplicado a áreas metropolitanas. Foi professor na Universidade de Roma "*La Sapienza*" e Director da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade E. Mondlane de 1985 a 1988, no âmbito dos acordos de cooperação internacional entre a Faculdade de Arquitectura de Roma e o Ministério dos Negócios Estrangeiros e com base nos protocolos de cooperação cultural com a Universidade de Maputo.

⁶ **Luís Jorge Manuel António Ferrão** (Iapala, Ribaué, 23 de Dezembro de 1961 Licenciado em Relações Internacionais e Diplomacia pelo Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI) em Maputo, concluiu o Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade do Zimbabwe (SARPS) e, posteriormente, o Doutoramento na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Brasil. Dirigiu a Universidade Lúrio durante sete anos até 2015, altura em que foi nomeado Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano. Actualmente, é Reitor da Universidade Pedagógica e membro do Conselho de Administração da BIOFUND.

⁷ **Maria Spina** (Roma, 1947), arquitecta. Até 2000, foi editora de ensaios e escritos críticos de Bruno Zevi, foi coordenadora editorial da série de livros '*Universale di Architettura*' sobre as disciplinas relacionadas à História da Cidade e à Paisagem Urbana. Lecionou em Moçambique: 1989-2006, na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da UEM em Maputo e de 2010-2011 na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Lúrio Desde 2000, é consultora sénior de várias instituições internacionais de cooperação e de projectos europeus

⁸ **Maurizio Berti**, foi pesquisador na Universidade de Padova e professor na Universidade de Roma *La Sapienza*. De 2011 a 2016 foi director da Faculdade e professor de História da Arquitectura e Restauração na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da

faculdade durante uns anos e depois foi substituído pelo professor Maurizio Berti, onde esteve também durante uns anos. Portanto, sempre mantive e até hoje mantenho relações com Berti, Maria e Catizone.

P: Em 1998 fez uma viagem a Roma em que participou dum curso. Gostava de saber como foi esse processo?

Foi muito interessante, foi a primeira vez que se deslocaram professores da Faculdade de Arquitectura a Roma. Era um grupo de seis, eu, o arquitecto Júlio Carrilho⁹, o arquitecto Paulino Pires, o Fernando, o Paulo Mondlane já falecido e o Sidat. Fomos convidados para um curso de introdução a novas tecnologias. O curso tinha um sistema de seminários e o mas o mais importante foi que tivemos oportunidade não só de conhecer Roma, como também uma parte de Itália.

Na altura estava a começar o processo dos Acordos de Paz. Fomos alojados inicialmente num mosteiro de freiras. Tínhamos que entrar todos os dias até às 9:00 da noite, porque se batêssemos à porta depois das 9:00 da noite íamos dormir fora seguramente, as freiras não nos deixavam entrar.

Esse mosteiro estava numa rua chamada *Via dei Riari*. Como tínhamos que fazer um relatório final sobre a nossa estadia acordámos entre todos que íamos fazer uma espécie de um diário. Então, todos dias, quando terminava o dia, fazíamos um apanhado do que ocorreu durante o dia e o Júlio Carrilho tinha a missão de fazer a redacção desses comentários que íamos fazendo. Aquilo acabou por transformar-se num livro que foi editado e que se chama o *Riário*, por causa do nome da rua, *Via dei Riari*.

O *Riário* é um livro que conta, portanto, de alguma maneira, aquilo que foi essa nossa estadia em Itália, em Roma. Foi interessante porque não só vimos Roma, mas também vimos Veneza, Florença. Andámos, de alguma maneira por Itália e o *Riário* é uma abordagem de um olhar de moçambicanos, numa descoberta de uma coisa que é a riqueza que aquele país tem, em termos não só de arquitectura mas sobretudo de civilização. Portanto, foi este contraste de seis professores que nasceram e cresceram em Moçambique e estarem um mês confinados em pleno gozo, não só de trabalho, mas também de visita e de conhecer uma outra realidade.

P: É óbvio que é importante perguntar que olhar era esse?

LL: O olhar moçambicano é o olhar de descobrir. Atenção, a gente anda pelas ruas de Roma e sem perceber muito bem está a pisar séculos de História, se não milénios. Portanto, encontramos numa rua, numa estrada de Roma, edifícios que

Universidade Lúrio até ao final de 2016. Agora, como pesquisador independente, ele continua seus estudos sobre a conservação do património arquitectónico e natural.

⁹ **Júlio Eduardo Zamith de Franco Carrilho** (Pemba, 26 de Junho de 1946 – 5 de Dezembro de 2021) arquitecto, foi Secretário de Estado das Obras Públicas e Habitação, no Governo de Transição em Moçambique; Entre 1975//1978 foi Ministro das Obras Públicas e Habitação; entre 1979/1980 foi Ministro da Indústria e Energia; entre 1980/1986 foi Ministro da Construção e Aguas; entre 1989/1994 foi Presidente do Conselho de Administração do "Fundo de Desenvolvimento Artístico e Cultural" (FUNDAC); entre 1990/2000 Membro da Comissão Nacional da UNESCO; 1992 Membro do Conselho de Administração da "DOMUS - Sociedade de Gestão Imobiliária"; 1994/2003 Director Executivo do "Centro de estudos e Desenvolvimento do Habitat", da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da UEM; Membro do Conselho de Administração da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC) de Moçambique; Membro da Direcção da Empresa de Projectos de Arquitectura, Engenharia e Urbanismo, "PROJECTA LDA"

transportam a História toda, praticamente do edificado e a História da Arquitectura desde o seu início, desde o clássico até aos dias de hoje.

P: O que mais me surpreendeu em Roma ao contrário de outros sítios que fazem preservação histórica foi o facto de que em Roma eles deixam as coisas como as encontraram. Como um arquitecto moçambicano olhava para isso, ver o sítio onde os gladiadores lutavam e umas pedras deitadas...

LL: Eu vi arquitectos moçambicanos confusos com isso. Questionaram: “Para que estamos a olhar para pedras e ruínas sem nada?”. O problema é as linhas de pensamento à volta do restauro. Vão desde conservar o existente, a pedra caiu mas deixa-se estar, porque faz parte já da História, esse pedaço tem que ser registado. Há outros que dizem: “Não, é melhor fazer um restauro filológico”, portanto, com os materiais da época. Outros dizem: “Não pode ser assim. É melhor deixar algo que marque”, portanto voltar a pôr a pedra, mas separá-la como identidade moderna, para nos mostrar que ali aconteceu qualquer coisa. As teorias sobre como actuar perante o património, sobretudo o património edificado, são várias, mas uma coisa é certa: os italianos têm um grande respeito pelo património e eu participei quando estive em Roma em vários seminários, em vários congressos sobre património e eles têm anos e anos de património edificado.

P: Em 2000 houve um programa de pós-graduação que envolvia docentes da Faculdade de Arquitectura e algumas instituições italianas. Gostava de saber desse programa de pós-graduação. Em que contexto surgiu?

LL: Nessa altura nós já não tínhamos praticamente professores italianos. Tínhamos cerca de 40 professores moçambicanos já instalados na Faculdade de Arquitectura uns a tempo inteiro, outros a tempo parcial. Mas todos eles eram apenas licenciados. Ora, não se faz Academia, não se faz Universidade, sobretudo na docência, sem ter outros níveis de formação, sobretudo mestrados, doutorados. As Universidades têm que ter professores que fazem investigação. Portanto esta pós-graduação era importantíssima tê-la. Neste ano, em 2000, o projecto CUCPE¹⁰ proporcionou essa capacitação que não havia de pós graduação, na nossa área, em Moçambique. Havia possibilidades de bolsas que o programa oferecia. Isso proporcionou que os professores fossem formar-se em Roma, o que culminou com cerca de 9 professores que fizeram o mestrado e 4 professores fizeram o doutoramento no âmbito dessa Cooperação.

P: Sabemos ainda que houve o que se chamou de Programa Trienal de Cooperação que envolvia a faculdade e o governo italiano. Em que consistia esse programa?

LL: Em 2000 inicia o Programa Trienal de Cooperação que é gerido pelo consórcio que foi designado por CUCPE e esse programa é uma relação com três faculdades, quero dizer, ele abraça já uma cooperação entre Itália e Moçambique, sobretudo com a Universidade Eduardo Mondlane que existe ao longo dos anos.

¹⁰ CUCPE - Centro Interuniversitario per la Cooperazione Universitaria con i Paesi Emergenti ou Programa de cooperação interuniversitária. Moçambique – Roma.

Com esse programa trienal assume-se uma nova etapa, porque são alocados grandes fundos a 3 faculdades que vinham já beneficiando, de alguma maneira, da cooperação com a Itália. Foi a Faculdade de Agronomia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico. É nessas três faculdades que o programa incide.

O grande objectivo deste programa era, através da cooperação, alocar fundos a estas 3 faculdades da Universidade Eduardo Mondlane. Em relação à Faculdade de Arquitectura tinha objectivos mais definidos que eram: Primeiro, tinha a ver com a capacitação institucional da própria faculdade, mas também com formação de professores moçambicanos. É daqui que vai existir, portanto, a possibilidade de vários professores irem fazer o seu mestrado e o seu doutoramento em Itália.

Também estavam alocados fundos para trabalhos de investigação, o que foi extremamente importante para a Faculdade de Arquitectura, porque foi nesta fase que o programa que era de 3 anos, se prolongou um pouco mais. A Faculdade de Arquitectura desenvolveu vários projectos de investigação em Moçambique. Foram estabelecidos vinte e tal trabalhos, houve 19 publicações, chegando, portanto, a um resultado ao fim de 4, 5 anos de inúmeras publicações feitas pela própria faculdade, porque a faculdade também se capacitou para editar, não só para sistematizar os trabalhos de investigação e de pesquisa que estava a fazer, como também de fazer as próprias edições. Foi um período de grande produção de investigação e disseminação do conhecimento. Foi uma oportunidade, por exemplo, para se fazer um levantamento no Ibo. Foi possível levar os 20 estudantes por duas vezes à ilha do Ibo, com fundos próprios para fazer um levantamento completo do que havia lá, dos imóveis, de todo o património edificado e não só, das casas de pedra e cal. Também se fez o levantamento do edificado na periferia. Não se estudou só o Ibo, estudou-se Pemba, Lichinga, Inhambane e Beira.

Foi a possibilidade que tivemos de olhar para o país e poder ver o que estava a acontecer em termos não só de ordenamento do território, como também do edificado, estudar e ler aquilo que é, de alguma maneira, o nosso património edificado, quer seja ele popular, quer seja vernacular e que tenha sido herdado. Foi uma leitura completa que fizemos sobre o território e foi graças, portanto, a esta cooperação de 3 anos a que nós chamamos de grupo do CICUPE que organizou.

Outra virtude do programa trienal dirigido pelo consórcio CICUPE foi ter capacitado o Centro de Desenvolvimento do Habitat, aquilo que nós chamamos o CEDEH. Foi um Centro criado dentro da universidade, sem fins lucrativos, mas que presta assistência às instituições e à sociedade, de modo geral, naquilo que é não só do ordenamento do território, mas também sobre o edificado e sobre processos tecnológicos de edificação. Enfim, o programa trienal permitiu uma grande capacitação do CEDEH e o centro graças a essa possibilidade técnica e humana que obteve a partir da Cooperação pode responder a várias solicitações de instituições de Moçambique do governo moçambicano, não só autarquias, como ministérios. O CEDEH até hoje continua operacional, em relação à leitura e elaboração de projectos e de planos de estrutura e planos de ordenamento do

território, aos vários níveis, em todo país. Também tem respondido, de alguma maneira, às solicitações de construção de projectos de construção que são feitos por instituições.

P: No período em que foi director-adjunto pedagógico da faculdade, teve alguns docentes italianos debaixo da sua supervisão?

LL: Quando tivemos o número de professores moçambicanos suficientes para a autonomia da faculdade, os professores italianos deixaram de vir dar aulas. Neste programa trienal, foram contratados alguns professores italianos que se mantiveram cá durante alguns anos em que o programa durou. Não é trienal porque ele durou um bocadinho mais. É o caso do Sandro Peruschi, da Maria Spina e do Vitriane. Esses três professores mantiveram-se durante muitos anos, altura em que eu já era director adjunto. O director na altura era o arquitecto José Forjaz e portanto essa relação com professores italianos manteve-se sempre até ao fim do programa. Quando acabou o programa eles foram-se embora e depois houve a oportunidade, como eu já referi de, pelo menos, a Maria Spina voltar novamente para apoiar a criação da Faculdade de Arquitectura da Unilúrio, juntamente com professor Antonio Catizone e o professor Maurizio Berti.

P: Sabemos que em 2006 fez o seu doutoramento em Roma. Gostaria de falar um pouco sobre isso?

LL: O meu Doutoramento em Roma acontece numa altura do programa trienal. Eu e o arquitecto Júlio Carrilho, meu colega, somos de alguma maneira empurrados, fomos nós os primeiros a abraçar essa oportunidade. Fomos juntos a Roma para fazer o doutoramento. Foram 3, 4 anos de trabalho, de ir e voltar a Roma, apresentar e depois defender o doutoramento. Quase que posso dizer que fui o primeiro doutorado moçambicano, pois três meses depois foi o Carrilho. Portanto, eu fui o primeiro em termos de prova de apresentação e de defesa da tese. Nós terminámos o doutoramento em 2006 e regressámos prontos para o trabalho.

P: Em que incidia a sua tese?

LL: A minha tese foi uma tese de *Análise e Levantamento do Ambiente e Arquitectura: O Caso de Maputo*.

P: Em seis linhas o que quer dizer?

LL: A minha tese foi uma leitura sobre a cidade de Maputo a partir duma matriz de construção, a partir de leitura daquilo que é o território, aquilo que é a malha urbana com uma leitura de como os arquitectos enfrentaram essa malha, ou seja, no caso das esquinas, das grandes vias, não das praças, entro aquilo que é a história da cidade. Eu fiz o meu doutoramento no Centro de Levantamento e Análise de Arquitectura. O arquitecto Carrilho fez na área das Tecnologias. Portanto, Arquitectura e Ambiente do meu lado e o Tecnologias e Ambiente, do lado do arquitecto Carrilho. O trabalho dele foi sobre a Ilha do Ibo.

P: Houve algumas histórias engraçadas nesse período específico que queira compartilhar connosco?

LL: Primeiro foi uma oportunidade para também descobrir sobre Roma, como também Itália, ambos em conjunto, eu e o Júlio. Não foi fácil, tivemos que alugar uma casa, a Paola Rolleta¹¹ nos apoiou muito, ela cedeu-nos a casa, pois estava em trabalho cá. Portanto, de qualquer das maneiras, foi uma oportunidade que tivemos. Foi também uma oportunidade muito grande de estarmos com Bertina Lopes¹² durante o tempo que lá estivemos. Ainda estava viva e tivemos uma grande relação com ela, vários bons momentos.

P: Peço desculpas, mas dado que isto é para a História, pode-nos falar um pouco sobre Bertina Lopes?

LL: Bertina Lopes é uma das grandes pintoras moçambicana que viveu em Roma muitos anos. Tinha uma casa fabulosa, passámos muitas noites juntos. Ela recebia toda gente em casa dela. Num dos corredores tinha assinatura de toda gente que passou por lá, entre os quais, o chefe de Estado, Chissano. Havia assinaturas de toda gente. Portanto, ela, Cícero de todos moçambicanos que passavam por Roma, era uma pessoa extremamente agradável, muito viva, dinâmica, era um encanto de mulher. Não tenho histórias, não há histórias particulares. Se calhar, não me lembro de nenhuma.

P: Depois de séculos de História edificada, de património edificado, o arquitecto italiano chega a Moçambique e vê um país, na altura, ainda maioritariamente construído em cima de caniços. Como é que os arquitectos, professores, fizeram essa ligação? A faculdade conseguiu manter uma ligação, àquilo que eram as práticas tradicionais da habitação em Moçambique, ou teve alguma tendência para escorregar para o cimento?

LL: Eu lembro-me sobre essa questão de leitura, dependia muito do tipo de professor que estava connosco. Lembro-me, não foi comigo, eu não estava presente, mas os estudantes contaram-me que uma das vezes que um dos professores foi com eles fazer zona a uma área, ao assentamento, chamemos assim, ao assentamento informal, porque a gente chama normalmente de informal, mas hoje já falámos em margens, há outras designações para isso. Eu não gosto de usar muito o termo informal. Ele olhou para aquilo e disse: “Aqui não tem nada”. Porque quando a construção é efémera, é uma construção que não é consolidada na imagem de alguns professores, mas nem todos. Aquilo é como se não existisse. As coisas não são assim, o assentamento não é somente o edificado ou com a qualidade do edificado, o assentamento humano tem a ver

¹¹ Paola Roletta é uma jornalista italiana. Viveu em Moçambique durante 15 anos, onde trabalhou como freelancer para diversos órgãos de comunicação nacionais e internacionais. Foi durante muitos anos correspondente em Itália da RTP, da Lusa e do Expresso, acompanhando temas da diáspora africana em Itália e as relações Europa / África. Em 2004 publicou “Capulanas & Lenços” e “Cozinha Tradicional de Moçambique”; em 2008, Desminando rosas - Fiel dos Santos escultor; em 2011, Finta Finta, livro sobre futebol em Moçambique com prefácio de João Paulo Borges Coelho.

¹² **Bertina Lopes** (Maputo, 11 de Julho de 1924 - Roma, 10 de Fevereiro de 2012) foi uma pintora e escultora italiana nascida em Moçambique. A arte de Lopes é caracterizada pela profunda sensibilidade africana com cores saturadas, composições corajosas de figuras semelhantes a máscaras e formas geométricas. Lopes foi reconhecida por destacar "a crítica social e o fervor nacionalista que influenciaram outros artistas moçambicanos de seu tempo".

com pessoas e as pessoas estão lá, têm uma vida ali. Se vivem ali é porque existem.

Eu não sei se respondi à questão colocada, mas havia professores que olhavam e trabalharam connosco só sobre essa questão dos assentamentos informais, porque são problemas sérios do País. 70% ou 75% da população, sobretudo nas zonas urbanas, vive nestas áreas. Há áreas que não têm infra-estruturas adequadas, que não têm aquilo que é as ansiedades de salubridade, de higiene, de água, de electricidade, enfim, de infra-estruturas.

P:A partir de 2009 quando foi director da faculdade, houve projectos que envolviam a Faculdade de Arquitectura e Itália?

LL: Não houve. Depois de 2009, houve sempre uma relação com a Itália e com a Cooperação Italiana. Sempre tivemos uma relação, fizemos vários trabalhos com Itália, com a Cooperação Italiana, mas nunca mais tivemos aquela ligação forte, estabelecida por memorandos de entendimento, programas e projectos de cooperação interuniversitários. A Universidade de Arquitectura e Planeamento Físico de Maputo, a partir de 2009 passou também a ter relações com outros países, como Portugal, Brasil, Espanha e sobretudo Espanha. Mas também tivemos relações com a Alemanha e com a Suécia, fortes, de projectos conjuntos e de memorandos de entendimento. Mas nunca deixámos de ter Itália presente dentro da Faculdade.

P: Nesse período houve, por acaso, dentro do programa de bolsas, saída de moçambicanos, por exemplo, para se formarem em instituições italianas?

LL: Sim. Durante muitos anos depois ainda houve bolsas, sobretudo para Mestrados. Actualmente há um novo programa com a Universidade Eduardo Mondlane, onde a Faculdade de Arquitectura tem um papel preponderante a desempenhar, FIAM¹³, que promove não só a pós-graduação em Moçambique. Estamos a fazer, graças à Cooperação Italiana os cursos de Mestrado e Doutoramento aqui, internamente e está a fazer-se uma leitura muito grande do território, sobretudo aqui no Sul de Moçambique. Foi esse o desenho que se fez do projecto que é do corredor de Maputo à Namaacha. É todo o território da cidade de Maputo, Matola, Boane, Moamba até Namaacha está a ser lido agora por um arquitecto, graças à Cooperação Italiana.

P: Tivemos conhecimento que o Instituto Nacional de Planeamento Físico surgiu no âmbito de cooperação...

LL: Não. A única coisa que houve da relação connosco nesse âmbito foi para a Escola Média de Planeamento Físico. A Faculdade de Arquitectura participou, em algum momento, naquilo que foi a elaboração do currículo da Escola Média do Planeamento Físico, mas o Instituto Nacional de Planeamento Físico era um

¹³ **Fundo para Investigação Aplicada e Multissetorial (FIAM).** São 13 projectos de investigação apresentados no âmbito do Programa de Cooperação entre a Itália e Moçambique. No âmbito da cooperação está previsto um programa de apoio à UEM para a reforma académica, inovação tecnológica e investigação científica. O FIAM financia projectos de investigação aplicada, com a finalidade de promover a qualidade e a relevância da investigação científica desenvolvida pela Universidade Eduardo Mondlane.

órgão que tinha como Secretário do Estado, o arquitecto José Forjaz que ocorreu nos anos 80, mas é anterior à existência da Faculdade de Arquitectura.

P: No âmbito daquilo que é o trajecto do arquitecto Lage com a Faculdade de Arquitectura, houve em algum momento uma cooperação, prestando serviços ou ajudando o Ministério da Saúde com infra-estruturas?

LL: Não só no Ministério da Saúde, o Centro como eu disse anteriormente, o CEDEH - Centro do Desenvolvimento do Habitat prestou serviços. Como eu disse, era um centro sem fins lucrativos, mas prestava serviços à Sociedade, sobretudo às instituições do Estado quer fossem autarquias, ou Ministérios. O CEDEH apoiou não só o Ministério da Saúde como também o Ministério de Justiça, por exemplo, na criação dos projectos para os tribunais distritais. Portanto, apoiou várias instituições em vários projectos. São inúmeros, durante os anos de actividade do Centro. O portfólio do Centro é incrível, porque sempre produziu muita coisa, não só no âmbito edificado, mas sobretudo com mais atenção ao âmbito do ordenamento do território. Em planos de estrutura, foi o CEDEH que fez os planos de estrutura, em 2008, da cidade de Maputo, que organizou planos de estrutura da cidade de Matola, para além de outros planos de outros níveis que foram feitos em todo País e em várias cidades.

P: Na sua opinião que factos nos pode trazer que em algum momento colocam a possibilidade dos italianos terem tido aquele papel no processo da Paz.

LL: Foi importante o papel deles e eu penso que Itália teve um grande papel através de Sant'Egídio. Com a Faculdade não. A única relação de que falei foi do *Riário*, porque nós estivemos em Sant'Egídio¹⁴ que é em Trastevere do outro lado do rio.

Era ali perto, mas eu estive na casa das freiras, em que só podíamos entrar até às 09h00. Era muito interessante, porque nós íamos às 09h00 com receio de trancarem as portas. Nós estávamos a ter a capacitação em Roma, mas depois tínhamos que ir para Trastevere. Quando lá chegávamos, íamos para um barzito, na *Via dei Riari* que se chamava *Delirium Peccatum*. Era um bar que tinha umas paredes decoradas com o que parecia aqueles desenhos ou quadros de Hieronymus Bosch¹⁵ com orgias e outras coisas, por todo lado onde nós ficávamos. Os 6 ficávamos ali a fazer as contas ao dinheiro que tínhamos, a beber o último trago, para depois correr rapidamente para o portão e tocar antes de a freira nos trancar do lado de fora.

P: Em termos de balanço a Faculdade de Arquitectura deve a sua existência...

LL: A Faculdade de Arquitectura existe graças à Cooperação Italiana, Esta é a primeira nota. Foi graças a esta cooperação que tudo se proporcionou para que

¹⁴ A **Comunidade de Sant'Egídio** é uma organização católica fundada em 1968 no bairro de Trastevere, em Roma, Itália, dedicada à caridade, evangelização e promoção da paz. Teve um papel preponderante no processo dos Acordos de Paz, assinado em Roma, entre o Governo de Moçambique e a RENAMO que pôs fim a uma guerra que durou 16 anos.

¹⁵ **Jeroen van Aken**, cujo pseudónimo é **Hieronymus Bosch**, e também conhecido como **Jeroen Bosch Hertogenbosch** (1450 — 9 de Agosto de 1516), foi um pintor e gravador brabantino dos séculos XV e XVI. Muitos dos seus trabalhos retratam cenas de pecado e tentação, recorrendo à utilização de figuras simbólicas complexas, originais, imaginativas e caricaturais, muitas das quais eram obscuras mesmo no seu tempo.

tivesse o desempenho que ainda tem até hoje. Começou com 40 estudantes em 1986, no fim de 5 anos graduou os primeiros 4. Já não me lembro muito bem se eram 4 ou 6 dos 40. Depois, nos anos sucessivos foram indo outros. Hoje a Faculdade de Arquitectura conta com uma graduação de cerca de 600 arquitectos. Considerando que só entram entre 35 a 40 por ano, pelo menos é o que está estipulado. Às vezes entram um bocadinho mais, mas é o que está estipulado como capacidade de recepção que temos.

A Faculdade funciona nas mesmas instalações desde que começou. Não foram feitas para o ensino e sobretudo, para o ensino da arquitectura. São edifícios que foram reutilizados, funcionalizados, de alguma maneira, com alguns acréscimos, para responder à demanda de arquitectos que o país necessita.

O país precisa de muitos arquitectos, sobretudo planeadores físicos que façam o ordenamento do território. É claro que quem faz o ordenamento do território tem que ter algum conhecimento de arquitectura. Eu costumo dizer é que cerca de 30 milhões de habitantes, 80% da população moçambicana, não precisa de arquitecto para construir a sua habitação. Sabe fazê-lo, não precisa de arquitectos, espero que esses 600 ainda consigam cobrir as necessidades do mercado nacional, vamos ver.